

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO



ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	26000	Trimestre ou 6 numeros \$650
Semestre ou 12 numeros	16300	N.º avulso ou pago á entrega \$120
ESTRANGEIRO		
Anno ou 24 numeros	36000	Semestre ou 12 numeros 16500

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 15

1 DE AGOSTO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

SUMMARIO

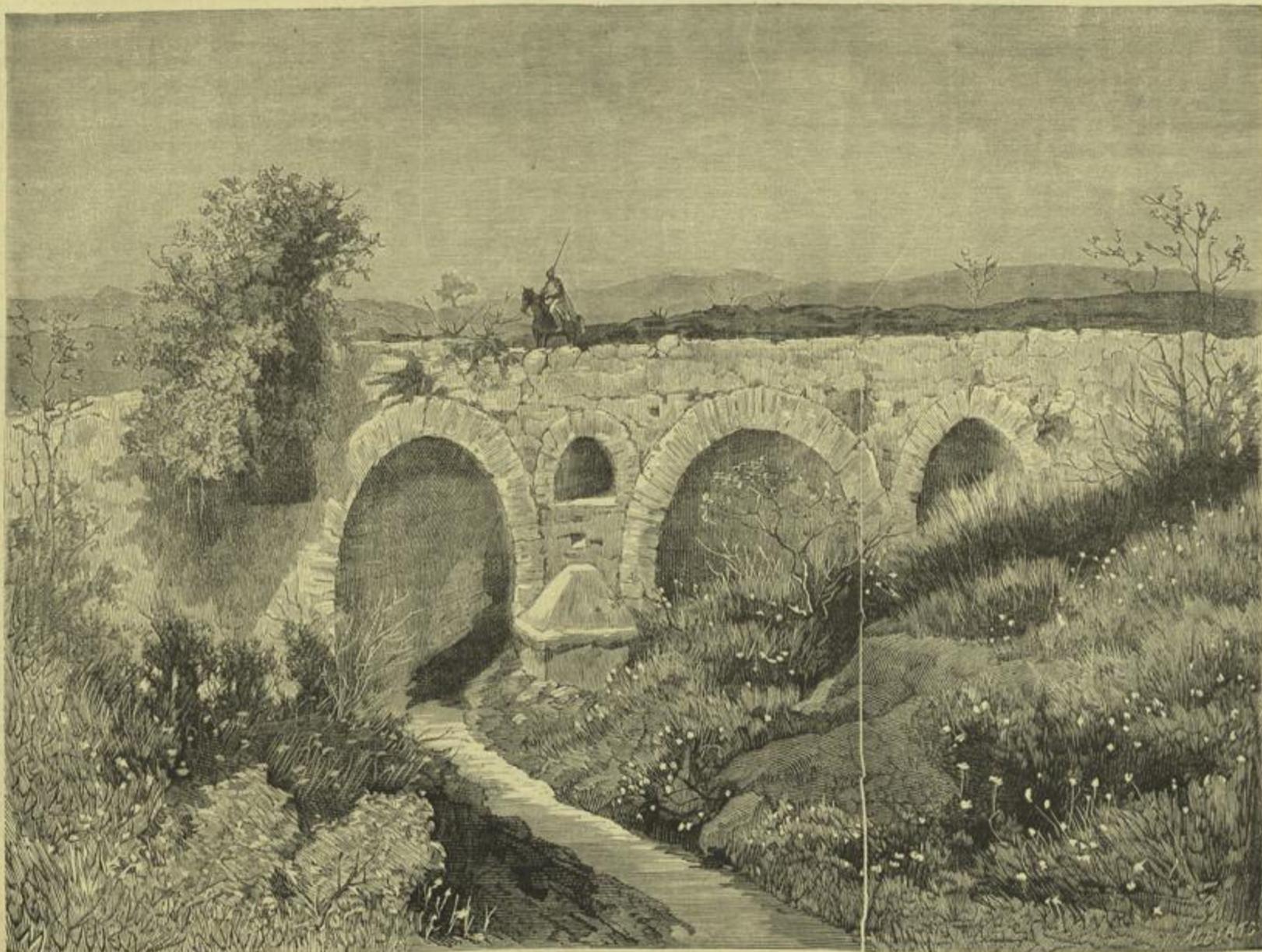
TEXTO. — Chronica occidental, por GUILHERME DE AZEVEDO — Alcacer-kibir, por PRINHEIRO CHAGAS — As nossas gravuras — F. A. Varnhagen — A escola por Candido de Figueiredo — A perdiz de cartão, por GERVASIO LOBATO.

GRAVURAS. — Ponte do rio Huad-Maksen — D. Sebastião, estatua de Simões d'Almeida — Visconde de Porto Seguro, Francisco Adolpho Varnhagen — Festejos do dia 24 de julho em Lisboa, iluminação da Praça de D. Pedro — Fachada da exposição da America central e meridional.

CHRONICA OCCIDENTAL

Somos um povo maldito a avaliar pela intensidade do fogo do ceu que nos ultimos dias tem caído sobre nós. Deve ser grande a colera dos Deuses se attendermos á elevação do thermometro, e já agora nem pela oração nem pelo gelo será possível obter a commutação d'uma sentença tão cruel a não tomarmos a resolução de fugir quanto antes para o concavo das rochas de Cintra ou para as frescas alfombras de Collares. Quando a neve, n'estas condições, é impotente contra as iras

ANTIGUIDADES HISTORICAS



PONTE DO RIO HUAD-MAKSEN — JUNTO DA QUAL SE DEU A BATALHA DE ALCACER-KIBIR

(Segundo uma aguarella do natural pelo sr. José Daniel Collazzo, pertencente a El-Rei e Senhor D. Luiz)

supremas resta-nos simplesmente o recurso da emigração para fóra de portas.

É o que Lisboa começa a praticar d'uma forma que faz honra á sua sensatez e ao seu scepticismo. Convence-se emfim de que a misericórdia divina, na baixa, é muito mais problematica do que a *miseri-córdia* que em cima, de 13 em 13 dias, faz andar a roda da fortuna.

Sobretudo a geração actual assignala-se por uma profunda descrença pelo Tejo. Visto de longe; nas balladas e na poesia lyrica, nada mais encantador do que este abençoado rio: visto do Aterro nada mais triste nem mais desolado, pelo desprezo que os seus contemporaneos lhe votam! De noite os habitantes de Lisboa vão pedir o refrigerio a S. Pedro d'Alcantara, ao Rocío, aos Recreios, ha mesmo phantasistas que chegam a ir pedil-o ao Martinho, mas na realidade raros parecem estar convencidos da suprema verdade exposta em tempo pelo actual sr. ministro da marinha, n'um relatorio tão sabio e imaginoso quanto cheio d'uneção poetica.

Um bosque sobre a praia um barco sobre o Tejo!

Todos julgam mais possivel realisar um gelado d'ananas na confeitaria Italiana do que uma aura perfumada no Caes do Sodrê. Eis aqui porque sómente alguns sentimentalistas decrepitos, a quem ainda sobra em creanças o que já escasseia em offato, se dirigem á noite para o Terreiro do Paço, emquanto a multidão se dirige simplesmente para o centro da cidade, aonde a *brisa que suspira na folhagem* é pelo menos uma bonita figura de rhetorica, acompanhada a pratos e a rufo de tambor.

— Lisboa teve na semana finda o seu grande dia ou, por outra, a sua grande noite de gloria. As philarmonicas da cidade, reforçadas para este lance supremo com as dos arredores, chegaram aos ultimos excessos que pode provocar o enthusiasmo civico! Não mentimos dizendo que Lisboa festejou uma data gloriosa, com uma *boa data* de trombone! A chronica entretanto, salva n'esta manifestação tudo o que ella tem de generoso e sincero, e longe do seu pensamento querer tapar com mão liberalicida o bocal do clarinete emancipado e livre das rollhas da escravidão.

No momento em que o partido absolutista afirma a sua vitalidade politica por um acto de desesperada energia declarando terminantemente que não propõe candidato pelo circulo dos Anjos, resta-nos a nós dar uma manifestação poderosa da nossa fé inabalavel, asseverando que longe do carrasco ser como dizia o Conde de Maistre, a pedra angular das sociedades, é á philarmonica que está hoje reservado esse papel salvador, cumprindo-nos pois ir ao Caes do Tojo, e no logar aonde outr'ora se erguia a forza levantar vivas! e depois um coreto.

E quando os *poutpourris* se balancearem no ar, estrangulados pela corda do verdugo, teremos dado um exemplo terrivel á sociedade em geral e ao Barreiro em especial, correspondendo d'esta forma ao pensamento dos moralistas do velho regimen.

A liberdade tem de má uma coisa para os que gostam de dormir até ás 2 da tarde; é acordal-os ás 4 da madrugada. Ha quem de bom grado trocasse todas as conquistas liberaes por uma manhã na cama, e ainda ha poucos dias um amigo meu se queixava amargamente de que as salvas do castello e os arrojos do pirothecnico José Rodrigues não fossem compatíveis com rozos sonhos da alvorada.

É verdade que n'este ponto o absolutismo não era mais benigno. Tinha tambem as suas ruidosas madrugadas de gala e além d'isso faziam-nos, de quando em quando, acordar cedo para nos levar a passear em roda do patibulo, convidando-nos uma vez por outra, amavelmente, a subir..

— Lisboa e o paiz inteiro preocupam-se n'este momento com um assumpto altamente interessante, — as eleições. A urna do suffragio vae em breve abrir-se nos cento e tantos circulos do paiz, e d'essa loteria politica é facil prophetisar desde já, com raras excepções, os candidatos que hão de sair premiados. Nota-se que o numero dos salvadores augmenta de anno para anno. Na qualidade é manifesta uma certa depressão, na quantidade, porém, a colheita é abundantissima. Um phenomeno que merece ser estudado é a falta de relação que existe entre a fecundidade do paiz em geral e a dos antigos paes da patria em especial. Ao passo que Portugal poucos habitantes produz annualmente em favor da estatistica, nos homens publicos são frequentes os *bons successos* parlamentares, facto este que enche a sciencia de confusão! Poucos talvez teem um credo, são raros entretanto os que não teem uma eria!

De forma que d'aquí a pouco será preciso estabelecer nos corredores de S. Bento, ao lado da secretaria, uma *creche*.

Um brado unisono começa entretanto a soar no paiz, desde o Guadiana até ao Minho. É o grito sempre entusiasta e sonoro sempre: á urna, á urna!

Basta a natureza d'este grito para nos convencer de que Portugal não saiu ainda d'essa bemaventurada phase romantica que no fim de contas é o encanto de tantas almas. Se as theorias positivistas calassem no animo publico, e se as flores do prado e as de rhetorica não fossem ainda o alimento quotidiano d'este povo, tanto os candidatos como os artigos de fundo, teriam de substituir aquelle communicativo brado, á urna, á urna! por este mais prosaico mas muito mais verdadeiro: á pipa, á pipa!

E o eleitor correria de todos os lados, em todas as assembléas, modificando de certa maneira o texto da escriptura, — já que a urna não vem a mim, vou eu á urna!

Uma cousa nos deve porém consolar. Examinando a sensata phisionomia da maior parte dos que pela vez primeira reclamam o voto popular, em poucas frentes vemos reluzir a estrella dos predestinados.

Assim é bom. A imaginação prejudica ás vezes os homens de estado e só por excepção nos ultimos tempos lord Beaconsfield realisa em beneficio da Inglaterra um dos seus sonhos de romancista, elevando a imperatriz das Indias á dignidade de *Rainha de Chypre*. Em todo o caso, se lord Beaconsfield fez romances n'outro tempo, é bom notar que alguns d'esses romances, taes como o *Henriette Temple e Venetia*, são ainda mais massadores e mais monotonos do que é de esperar do caracter britanico. Estes livros explicam mesmo de sobejo o politico. Se Disraeli fosse o auctor do *José Balsamo* ou dos *Tres Mosqueteiros*, o seu triumpho no congresso teria sido muito diverso. Poderia sim ter tomado Chypre, mas não pela posição formidavel que é: unicamente pelo vinho legendario que produz.

Ora podemos estar descansados, que a maioria dos nossos candidatos não possui os nefastos antecedentes de lord Beaconsfield para recebermos que tome Chypre, quer pela diplomacia, quer pelo copo.

GUILHERME D'AZEVEDO.

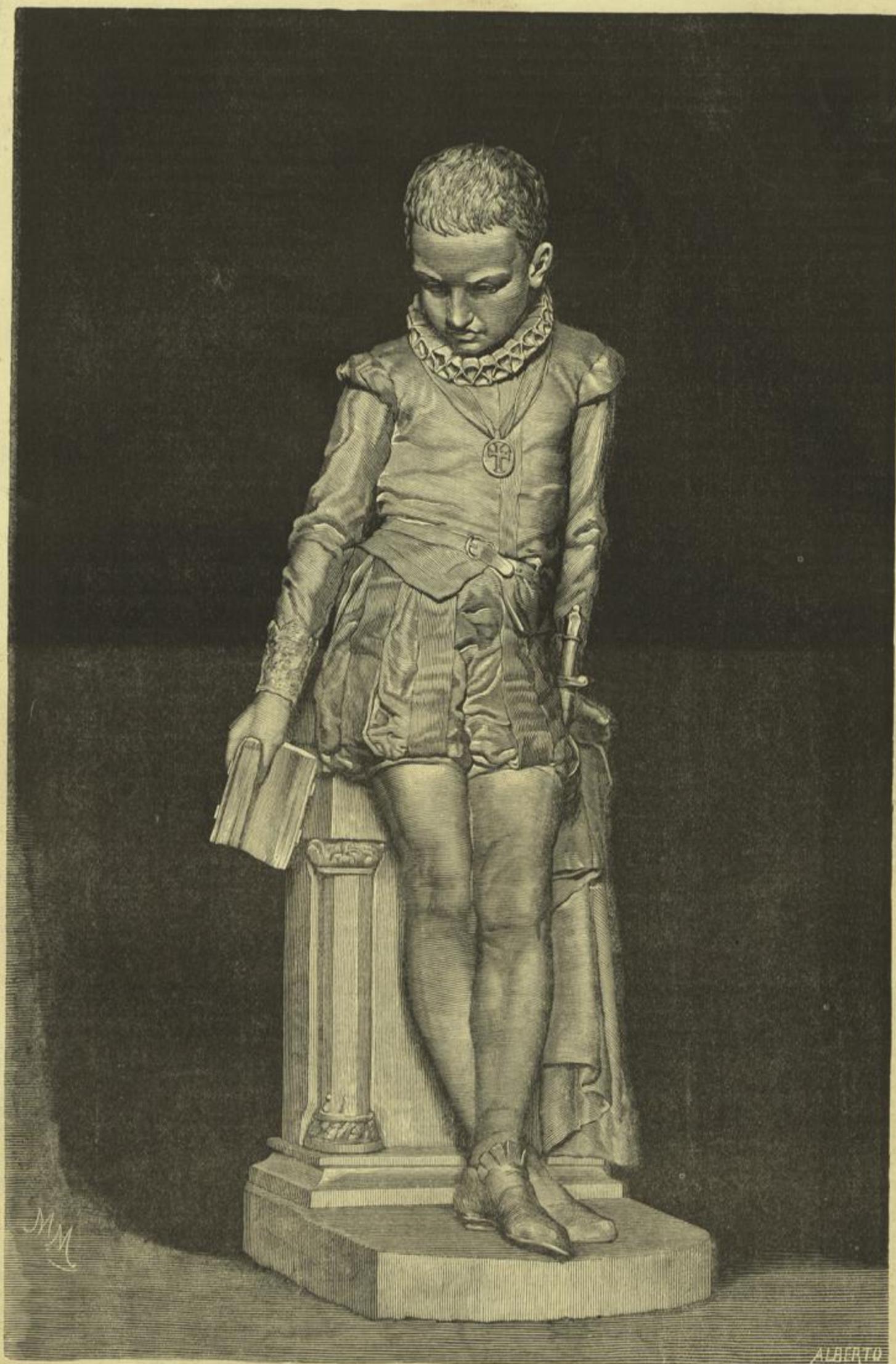
A PONTE DE ALCACER-KIBIR

No dia 4 de agosto de 1878 completam-se exactamente tres seculos que expirou nos areiaes de Alcacer-Kibir a fortuna portugueza, que fóra durante um seculo o assombro do mundo civilizado. O OCCIDENTE, fiel ao seu programma de acompanhar com o buril e a penna os acontecimentos a que dá actualidade ou a sua realisação ou a sua commemoração, apresenta hoje, a tres dias de distancia do tri-centenario da batalha de Alcacer-Kibir, uma gravura que representa a ponte do Huad-Máksen proximo do sitio onde se travou essa desgraçada peleja. Deve o poder apresental-a á amabilidade do nosso talentoso e erudito representante diplomatico em Marrocos, o sr. José Daniel Collasso, consul em Tanger, que trouxe de Africa uma aguarella da ponte, feita por elle mesmo com o modelo á vista, n'essa planicie de tristissima recordação, que foi avermelhada pelo sangue portuguez, á beira d'esse rio que rolou até ao mar cadaveres portuguezes, diante d'esses horisontes, onde se immergiu, perdendo-se no mysterio e no desconhecido, o vulto cavalheiresco de D. Sebastião. Podem facilmente imaginar-se as impressões que saltariam o animo do artista emquanto fazia brotar do papel, que lhe tremia na mão, a imagem d'essa paizagem desolada e triste. Conta o sr. Collasso que, ao dar as ultimas pinceladas, sentiu de subito o estridor dos anafis mouriscos, e viu passar, caracolando nos seus fogosos ginetes, um troço de cavallaria marroquina. Parecia que uma evocação sinistra, fazendo surgir diante d'elle a imagem triumphante dos vencedores, quizera completar a dôr aguda que lhe varava o peito, ao lembrar as scenas dilacerantes do passado.

Não cabe nos estreitos limites de um artigo de illustração a narrativa da catastrophe. Diremos apenas que nas alturas de Alcacer-Kibir o Lukkos e o Máksen deixam entre si um largo espaço, que foi o desasturado terreno escolhido por D. Sebastião para a batalha.

Essa ponte e esse rio foram atravessados pelo exercito portuguez, ao qual podiam servir de fosso e de entrincheiramento, e cuja retirada tornaram pelo contrario desastrosissima. Não contaremos a série de imprudencias de D. Sebastião, a teima com que se obstinou em dar batalha sem esperar, como sensatamente lhe aconselhavam, a morte imminente do soberano inimigo, que expirou durante a batalha, mas quando a sua morte, que nem foi conhecida pelos seus, já em nada podia favorecer os adversarios, a loucura com que nem esperou sequer que abrandasse a calma para romper a acção, expondo assim aos ardores intensos e debilitantes de um sol africano de agosto um exercito europeu, a absurda formatura que adoptou, ao passo que o seu inimigo, habil general, dispunha as suas tropas com extraordinaria pericia, o estouvamento com que prohibiu aos commandantes das differentes divisões que entrassem em fogo sem ordens suas, esquecendo-se depois completamente de dar essas ordens, não referiremos tambem a collaboração da fatalidade, aquelle brado insensato de *Ter Ter* que, demorando o impeto dos aventureiros, deu origem a um movimento retrogrado de toda a cavallaria portugueza, fatigada, mas quasi victoriosa, e mudou completamente o aspecto da batalha, a explosão de um carro de polvora, que juntamente com a retirada da cavallaria, lançou completa desordem no corpo de exercito portuguez, immovel em massa compacta, esperando ordens que não vinham, e vencido antes de combater. Não contaremos emfim essa espantosa derrota, esses fugitivos que se atropellam na ponte, que se affogam no rio, que são cortados pelo ferro dos rapidos cavalleiros inimigos, e sobre os quaes desabam das montanhas, envoltas nos seus albornozes, como um bando de corvos brancos ainda mais terriveis que os negros, as tribus arabes que presenciavam de longe o combate para dar cabo do vencido. Não contaremos esse drama de multiplas peripecias, porque o espaço nos falta, mas, buscando no meio d'esses confusos episodios, o vulto do protagonista, procuraremos avivar a memoria d'esse terrivel lance em que desapareceu o ultimo rei cavalleiro, e com elle a gloria e a independencia da patria.

Desvanecidas as illusões, perdida a esperanza, sombrio e resignado, D. Sebastião só pensava em morrer. Agrupada em torno d'elle, a flor da sua nobreza dava ao mundo o exemplo da mais heroica dedicação. Ninguém pensava em si, todos no monarcha. Morrer para o salvar era



D. SEBASTIÃO — ESTATUA DE SIMÕES D'ALMEIDA

(Pertencente a El-Rei o Senhor D. Luiz, e enviada á exposição universal de Paris em 1878)

Até n'isto somos um paiz excepcional. Portugal é o unico paiz do mundo onde cada qual escreve como lhe apraz. Nos outros paizes dá-se, de seculos para seculos, a evolução natural das linguas, mas essa evolução é encaminhada pela discussão e pela glotica, e reconhecida pela unanimidade dos cidadãos que escrevem e lêem.

Em Portugal, os pontifices das letras são os primeiros a disseminar o scisma orthographico. Castilho, sectario convicto da orthographia phonetica, escreveria *filoxera*; Camillo Castello Branco, dando um braço aos *phoneticos* e outro aos *etymologistas*, escreve *filosophia* quando lhe apraz; Teixeira de Vasconcellos deixa a orthographia dos seus livros ao cuidado dos editores; Viale, ou qualquer outro *etymologista* puritano, escreve sempre *inharmonico*, mas tambem escreve sempre *phylarmonico*, supprimindo o *h* da ultima parte da palavra. E assim por diante.

N'este cahos, como fazer-se a luz? Em qualquer nação culta, quando é mister marcar-se um ponto de transição na evolução orthographica, as corporações scientificas e os homens encanecidos no estudo da linguagem, agremiam-se em cenaculo respeitavel, e os lexicographos



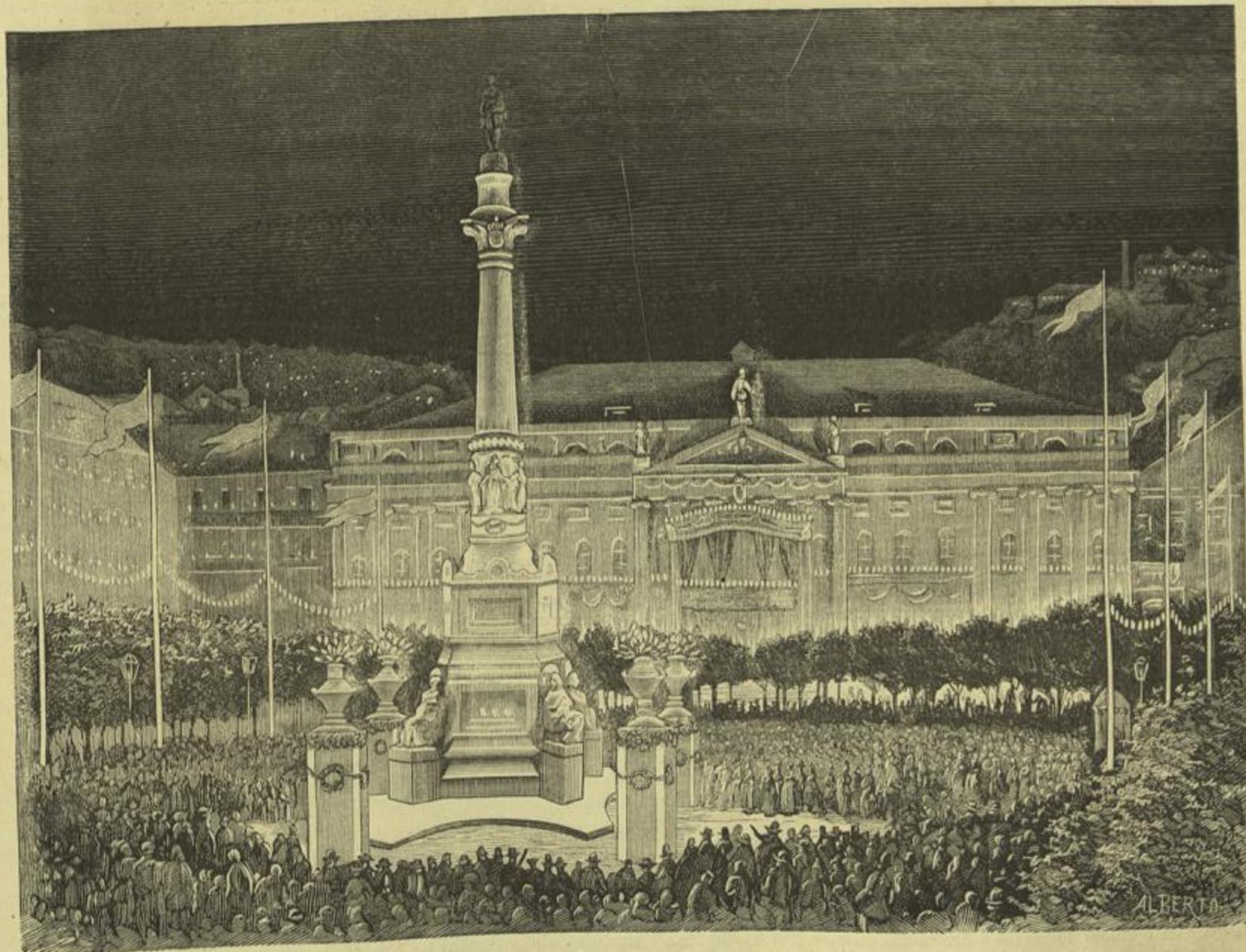
VISCONDE DE PORTO SEGURO — FRANCISCO ADOLPHO VARNHAGEM

(Fallecido em Vienna d'Austria, no dia 10 de julho de 1878)

transmittem ao publico os estudos e as deliberações dos que teem auctoridade para ensinar. Entre nós, é uma frivolidade a questão orthographica.

Ha pouco mais de um anno, em assembléa geral da academia real das sciencias, participou o sr. Latino Coelho que iam adiantados os trabalhos do DICCIONARIO da academia, e que breve a primeira folha entraria no prelo. Com o respeito que todos devem ao peregrino talento d'aquelle eximio escriptor, pedi a palavra n'essa occasião, e ousei ponderar que, tendo-se obrigado o sr. Latino Coelho a apresentar á academia, antes da impressão do DICCIONARIO, o plano orthographico na mesma obra, para que esta se regulasse por elle depois de discutido e approvado pela academia, não conviria de certo começar a publicação do DICCIONARIO antes de conhecido e discutido o plano orthographico do benemerito publicista, e propuz que o director da obra fosse convidado a apresentar este plano antes da impressão do DICCIONARIO.

Effectivamente, se o DICCIONARIO, sob a letra *T*, apresentasse depois de impresso a palavra *tisica* ou *tysica*, e a academia deliberasse que devia escrever-se *phytisica*, tal deliberação era inutil, porque a essa hora



FESTEJOS DO DIA 24 DE JULHO EM LISBOA — ILLUMINAÇÃO DA PRAÇA DE D. PEDRO



já estariam impressas as folhas correspondentes ás letras *ph*. E, como este, se dariam numerosos exemplos.

Depois d'aquella proposta simplicissima, clara e fundada, parece que nada havia mais natural do que a sua approvação.

Não succedeu assim. A proposta suscitou uma ligeira discussão, em que tomaram parte, se bem me recordo, Pinheiro Chagas, Silva Tullio, Bulhão Pato e outros academicos; e de toda a discussão apurou-se apenas que era inutil, esteril e enfadonho qualquer debate sobre a questão orthographica.

Retirei a proposta, e confiei ao destino a regularisação da orthographia portugueza.

Felizmente, se não infelizmente, a primeira folha do DICIONARIO não se imprimiu então nem se imprimiu depois; e isso deu-me esperanza de que o plano orthographico de Latino Coelho antecederesse a publicação da obra.

Ha poucos dias porém as folhas periodicas annunciaram que os primeiros trabalhos do DICIONARIO estão *outra vez promptos*, mas nada disseram sobre o plano orthographico, e assim me esmoreceu um pouco a esperanza. Um pouco e não toda, porque Portugal não merece nem terá por enquanto um dicionario completo da sua lingua, dirigido por pessoa tão competente e tão auctorizada como o illustre secretario geral da academia das sciencias.

No meio d'esta apathia, que poucos sentem e para que poucos olham, bate ás portas da academia a *comissão da reforma orthographica* e o correio do medico Van-der-Laan. Era muito cedo: o plano orthographico de Latino Coelho ha de apparecer e discutir-se, e então se saberá como havemos de escrever.

Entretanto continuemos a alimentar o desespero dos estrangeiros que não sabem por qual dos nossos escriptores hão de aprender a nossa orthographia, e continuemos a martelar a paciencia das creanças com letras inuteis, com letras dobradas, com convenções abstrusas.

Não quer isto dizer que a futura orthographia portugueza será rigorosamente phonetica; significa apenas o sincero desejo de saber no que havemos de ficar.

A sciencia da linguagem, a pratica do ensino, o confronto das demais linguas da raça latina, estão indicando que o systema etymologico, e sobretudo o systema mixto, cederão o passo á orthographia sonica.

Para as escolas primarias é ella de incontestavel vantagem, e fico imaginando o sacrificio de João de Deus, ao ter de vasar a sua CARTILHA nos moldes injustificaveis da nossa absurda orthographia usual.

A melhor e a mais completa defeza da orthographia phonetica, acho-a n'um excellente artigo do proprio auctor da CARTILHA MATERNAL, artigo que pouca gente conhecerá e que eu vou transcrever, não só como uma lição de estylo e de orthographia, senão tambem como uma lição de senso commum, visto que o senso commum é mais raro do que a palavra o indica.

Dirigia João de Deus, ha dezeseite annos, uma folha periodica do Alemtejo, quando um dos seus collaboradores, um padre Macedo, o interpellou por esta fórma:

— «Que juizo farão de mim á vista dos erros typographicos com que saiu o meu artigo! Aponto alguns: *atenção* por *attenção*; *estilo* por *estlyo*; *inteligencia* por *intelligencia*; *fala* por *falla*...»

João de Deus respondeu:
— «Por *falla*... dizeis vós; porque? Pelo *uso* tem-se sempre escripto dos dois modos. Pela *etimologia*, d'onde se deriva então? O *fallere* latino significa *inganar*! Serve-vos a etimologia? Oh! padre! tambem vós, virtuoso como Socrates, poeta como Fenelon, democrata como um e outro, dais ouvidos aos advogados do privilegio e do misterio? Que dualismo é esse, ou religião de luz e trevas, de Ormuzd e Ahriman, que levantaiis sobre a unidade de Deus e da humanidade, condenando as noventa e nove centecimas partes da sociedade a não poder com a pena molhada em lagrimas atravessar a ideia no seu vôo e dividir com os mais as suas lastimas!

«Mas é preciso que a lingua se não corrompa.»
«Sois os primeiros a corrompê-la, não a escrevendo como a escreviam os nossos mestres, e deixando-a escripta como se não hade ler!

«Mas é preciso que a lingua se uniformise.»
«Em que? Na pronuncia? Nem todos podem ir em peregrinação a Constantinopla perguntar aos ulemas do Alcorão como hão de ler as suas sagradas paginas! Na escrita? escreve cada um de seu modo, e todos bem differentemente dos nossos classicos, cada um dos quais já escrevia de sua maneira particular!

«Mas o elemento historico? mas os trajes da antiguidade? mas a feição de familia? o cunho da raça?»

«Sabeis tanto o que isso é como eu! Qual é a etimologia do *chá* da China? Papelões! Em cada palavra que escreveis falla um principio da vossa mistica ortografia! Mas seja a coisa arbitraria, arvore-se o capricho em lei, juremos constituição ao *despotismo*: que escriptura nos dais por typo? Quando quizer nomear quem primeiro descobriu as praias do novo mundo que hei de escrever — Pedro Alvares, ou Pedralvres, ou Pedralures, ou Pedralvares, ou Pedralvares?...»

«A opinião de cada um de vós sei eu: é escrever como cada um de vós escreve.»

«Sei que se tem escrito n'estes ultimos tempos sobre o assunto; mas Deus me livre de desperdiçar um momento com doutrinas em que os seus proprios mestres se não intendem uns aos outros. Levantei-me do berço com opiniões formadas sobre muita coisa, e não ha Brahma com todas as suas quatro cabeças mitradas e toda a sua quadrilatera magestade que me tire d'aí: esta é uma das tais. A razão é — que

elles vêem-me com raciocinios e eu escuto o coração. Filho do povo, inimigo da raça de todo o privilegio, digo: póde aprender a ler toda a gente e escrever bem toda a gente? Porque não hade aprender e não hade escrever bem? Porque não hade intesourar em papel um sentimento d'alma uma pobre mulher senão a troço do escarneo dos doutores?

«Estou a imaginar uma virtuosa mãe a ensinar a lêr a sua filha:

— «Pomba, venha cá; são horas de lição. Que é da cartilha? Abra: diga:

pé
agá
á
ó
til?

(Somma)..... *Fão.*

«Ouviu, minha filha? diga outra vez; ora vamos: *pé*
agá
á
ó
til?
...?»

«*Fão*, minha filha! pois não ouves?

— «Quê, mamã?

— «Olhe, repare a minha joia: *pé*
agá
á
ó
til?
...?»

— «Til, mamã!

— «Não, filhinha! pois não ouves: *pé*
agá
á
ó
til
Fão.

«Jesus! não estás attenta! não ouves dizer *fão*?

— «Tambem a mamã diz *til*!

— «Mas tudo, meu amor! tudo faz *fão*. Vamos a ver outra vez; agora diga *fão*. Repare: *pé*

agá
á
ó
til?

— «Mamã!

— «Diga!

— «Mamã!!

— «Então não diz?

— «Mamã!!!

«Não diz, e as lagrimas já lhe estão a ferver nos olhos em borbotões. É o horror inato ao absurdo; é a sinceridade d'um anjo que em quanto o não bestificam, matam-no com palmatoadas, arrancam-lhe as orelhas, mas não confessa uma impiedade! Pelo amor de Deus não nos bestifiquem logo á nascença; não faltará quem nol-o faça em todo o tempo! Não apaguem logo nos innocentes a luz que Deus lhes deu! Não se abracem ao passado como termo da vida: Deus fez a terra redonda para se não parar!

«Tudo se herdou do passado, informe, rude, desmembrado, inarmonico, sem sistema, sem unidade, como as pedras que á roda d'um calvario se ajuntam pelo tempo diante deitada cada qual por sua mão: mas veio a rasão depois, em tudo, com esses materiais acarretados pelas gerações desalumiadas pôr por obra como arquiteto uma fabrica, um pensamento. Será excetuada a escrita?

«Simplificai e regularisai a lingua de Camões, e vereis, não só todos saberemos lêr, senão dentro em cem annos o nosso prélo em correspondencia com os livreiros do mundo. A que deve o feissimo francez a sua universalidade? á *logica*; porque esse ao menos é consequente no absurdo.

«É uma questão de alta nacionalidade; acham-na os pontifices pueril. Para nós o que é enfadonha. E concluindo — o *y* grego mandei-o para a Grecia; letras dobradas só em dias de muito frio; e o *p h a o til* *fão*, só quando o Pulido presidir á correção das provas de jornal que eu redija, ou me passar por alto.»

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. SEBASTIÃO

(Estatua de Simões de Almeida)

A estatua representada na nossa gravura, devida ao cinzel do distincto esculptor Simões de Almeida, é uma obra de arte notabilissima, capaz de figurar honrosamente em todos os certamens artisticos do mundo civilisado.

vatorio, com o seu methodo debaixo do braço, chapéu novo, e o vestido melhor que tinha, seguida por sua mãe de capote e lenço.

O primeiro dia foi uma festa: via-se entre rapazes que a olhavam com ares maliciosos e conquistadores, analysando-a em voz baixa uns com os outros em risinhos gaiatos, e entre raparigas que a tratavam por *menina* e lhe faziam certas delicadezas de apresentação.

No dia immediato é que começaram as semsaborias, os desgostos. Principiaram as troças, as invejas, os ciúmes: as antigas combinavam-se, e faziam partidas ás calouras. Maria nunca tinha tido amigas. Vivera sempre em casa só com sua mãe. O pae dissera-lhe um dia em que a vira comprimentar uma visinha suspeita:

— Se te vejo dares-te com essas figuronas, sócco-te muito bem soccada.

E era homem para o fazer.

Maria sabia-o e poupou-lhe o trabalho.

Agora entrava ali completamente bicho do matto. As outras riam-se muito á sua custa: analysavam-lhe os arrebitos, caçoavam com os seus lacinhos pobres, com seus enfeites pelintras e começaram a chamar-lhe «*Mademoiselle Trapicalho.*» Maria chorava com estes chasques á sua *toilette*. Se lhe insultassem a mãe ou o pae offender-se-ia menos do que de lhe insultarem os vestidos. Os oito primeiros dias de conservatorio foram um martyrio. Enxotada do lado das raparigas princí-

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878



FACHADA DA EXPOSIÇÃO DA AMERICA CENTRAL E MERIDIONAL (Segundo uma photographia)

piou a ser amavel com os rapazes, a fazer sucia com elles. As outras redrobraram a sua troça, era mais que troça, era montaria, era guerra. Havia animosidade nas suas gargalhadas: já não era por simples brincadeira era de caso pensado, com raiva, com odio. Nas escolas, ha d'estas luctas homericas sem ninguem dar por isso. Ha mais rancores, que cá fora, ou pelo menos ha mais franqueza brutal n'elles. Maria tinha partido no rapazio. As raparigas tanto a espiçaram, tanto, que ella um dia rompeu as hostilidades. Deu uma bofetada n'uma, que a atirou ao chão. Houve grande reboliço. Os rapazes acclamaram-n'a; as outras tiveram medo. Uma bofetada é em todas as idades um grande remedio para as gargalhadas. A troça acabou como que por encanto. Começaram a vir adhesões do partido inimigo e d'ali a quinze dias Maria da Luz vivia na intimidade das antigas, e ninguem se lembrava já de lhe chamar *Mademoiselle Trapicalho*.

...

Então, principiou para Maria da Engommadeira uma epoca nova na sua vida: a epoca das amigas, das longas conversas intimas, das confidencias interessantes, das tagarellices alegres.

Maria tinha os olhos fechados: não sabia nada do mundo: vira-o só pela sua janella pobre da travessa da Espera. Agora via-o pelos olhos avidos das outras e ficava deslumbrada. Entre as suas amigas, a mais intima, a mais estimada, era uma rapariguinha muito loura, baixinha, gorda e alegre, a Libania que era corista da Trindade. Tinha uma conversa que a enebriava, essa rapariga. Não fallava senão no theatro, na Herminia, no Queiroz, na Florinda, no Leoní, no Ribeiro, nas graças que elles diziam, no que elles faziam aos ensaios, e imitava-os e repetia-lhe os gestos, contrafazia-lhe a voz, gritava o duetto da disputa, com grandes gestos desenvoltos de regateira: fazia a bebedeira do Murzuk, dançava o cancan de Bolero, com umas pernas muito comicas e cantava os *couplets* de Lange com uma lubricidade vadia que era da gente morrer a rir.

Maria era doida por ella: andavam sempre juntas: davam os seus passeios de vez em quando, e visitavam-se, porque Maria não tinha piano e ia estudar ao da amiga.

Uma noute que a Libania não entrava no espectáculo — que era anterior á sua estreia theatral, pediu um camarote de 3.º ordem e foi para elle com a Maria e a mãe.

A pequena teve um verdadeiro deslumbramento. Que descaro e que elegancia de mulheres! Como ellas tinham bonitos hombros e ricos fatos, meias altas e pouca vergonha! E que festa que o publico lhes fazia, como as examinava com o binoculo, como as applaudia com furor!

Tudó aquillo era para Maria uma coisa inesperada, extranha, um aspecto novo do mundo. Era a primeira vez que ia ao theatro!

No seu cerebro em fogo não se geravam idéas, dançavam um cancan monstro todas aquellas pernas que ali via com meias esticadas e sapatos brilhantes. No fim do espectáculo, Libania antes d'ir para casa foi ao palco vêr a tabella.

Maria acompanhou-a.

Desciam em turbilhão as escadas, agarrados uns aos outros rindo, e galhofando, as raparigas com os seus fatos pittorescos e vistosos e os coristas já com as barbas nas mãos, com as caras sujas, dizendo facecias equivocadas.

Todos fallavam a Libania, uns davam-lhe palmadinhas na cara, outros furtavam-lhe beijos e ella ria muito com todos subindo a custo a escada contra a onda que descia.

Maria ia para subir. Um homem de camisola azul e com]cara de poucos amigos tomou-lhe o passo com ares de Adamastor:

— Para onde vae?

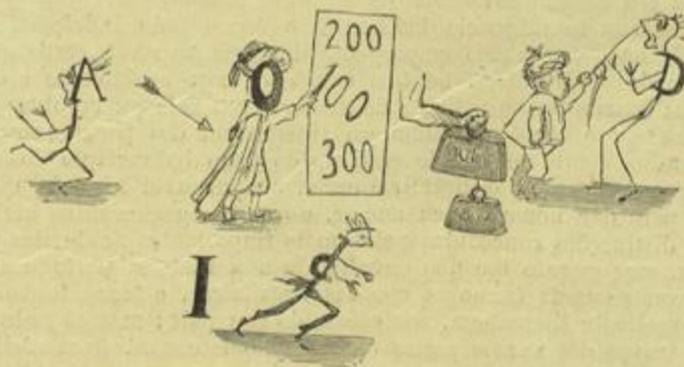
— Vou ali com a menina Libania, respondeu esta titubeando.

— Não pôde entrar sem ordem do sr. Palha.

Maria não respondeu e ficou parada á porta olhando com uma curiosidade triste e ambiciosa aquelle paraíso onde não a deixavam e onde era tão difficil entrar.

GERVASIO LOBATO.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Entre elles era o Sol,
O planeta que dá ao mundo vida;
O giganteo pharol.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6